

Ano 10, Vol XIX, Número 1, Jan-Jun, 2017, Pág. 267-284.

NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE O PROUCA AMAZÔNICO

Deusirene Magalhães de Araújo
Jocyléia Santana dos Santos

Resumo:

O artigo tem por objetivo compreender algumas potencialidades e limites da inserção dos *laptops* educacionais do Programa um Computador por Aluno – PROUCA, a partir de narrativas de professores que vivenciaram a implantação do Programa. Destaca o exercício da memória na construção história, buscando na voz dos professores percepções sobre o uso dos *laptops* na sala de aula, entraves, limites e soluções. Discute de forma breve o percurso histórico do Prouca no Brasil e no Tocantins, algumas ações realizadas por instâncias governamentais e instituições formadoras na consolidação do Programa. Ancorou-se na história oral temática como abordagem metodológica, realizada a partir de entrevistas semiestruturadas aplicada a quatro professoras de duas escolas em Paraíso do Tocantins. Os resultados indicam que nem tudo foi consenso na efetividade do *Prouca* na sala de aula, desafios pedagógicos e estruturais podem comprometer um resultado positivo do uso do *laptop* em sala de aula. Mas o momento histórico de inclusão digital de alunos e professores, formação continuada, acesso e portabilidade dos *laptops* oportunizou aprendizagens imensuráveis.

Palavras Chave: Prouca; *Laptop* educacional; História Oral. Memória. Sala de aula.

Abstract:

The article aims to understand some potentialities and limits of the insertion of the educational computers of the Program One Computer per Student - PROUCA, from narratives of teachers who experienced the implementation of the Program. It highlights the exercise of memory in the construction history, seeking in the voice of teachers perceptions about the use of laptops in the classroom, barriers, limits and solutions. It briefly discusses the historical course of Prouca in Brazil and in Tocantins, some actions carried out by government agencies and training institutions in the consolidation of the Program. It was anchored in the thematic oral history as a methodological approach, made from a semistructured interview applied to four teachers from two schools in Paraíso do Tocantins. The results indicate that not everything was a consensus on the effectiveness of Prouca in the classroom, pedagogical and structural challenges can compromise a positive result of using the laptop in the classroom. But the historic moment of digital inclusion of students and teachers, continued training, access and portability of the laptops provided immeasurable learning.

Keywords: Prouca; Laptops; Oral History; Memory; Classroom.

Introdução

É consensual que a sociedade atual caracteriza-se por mudanças, principalmente no que se refere à inserção de tecnologias digitais no cotidiano das pessoas. Na educação não é diferente, o governo incentiva escolas públicas a utilizem essas

tecnologias na mediação do ensino e aprendizagem dos alunos. Um exemplo é o Programa Um Computador por Aluno – Prouca, implantado a partir de 2007. Os resultados dessa inserção precisam ser discutidos, para tanto, precisa-se ouvir a voz dos professores que vivenciaram esse momento histórico.

O presente trabalho foi realizado no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Tocantins – UFT, durante a disciplina de História, Memória e Educação ministrada pela Dra Jocyléia Santana, no ano de 2015, com o objetivo de compreender algumas potencialidades e limites da inserção dos *laptops* educacionais do Prouca na sala de aula, a partir das narrativas de professores que vivenciaram a implantação do Programa.

De acordo com ALMEIDA (2011, p.2) “a presença das tecnologias nas escolas tem provocado inúmeros questionamentos, desafios, reflexões dos profissionais que ali trabalham, sobre a necessidade de repensar a organização do trabalho pedagógico e a gestão de ensino em sala de aula”. Essa preocupação leva-nos pesquisar sobre essa temática, considerando o momento vivido pela sociedade atual permeado por incertezas.

Para a realização deste artigo utilizamos o método da história oral, com ênfase para entrevistas e pesquisa documental. Para Thompson (1992, p. 144) “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história, e isso alarga seu campo de ação”. Neste trabalho, a voz das professoras sobre um processo vivido é fonte de informação para compreensão dos fatos. A metodologia da história oral, é uma das possibilidades para recuperar registros do passado, através da subjetividade dos sujeitos de hoje.

O desafio proposto para esta investigação discute alguns pontos: breve histórico da inserção do Prouca no Brasil e no Tocantins; potencialidades e limites dessa inserção; análise das narrativas de quatro professoras de escolas que aderiram ao Prouca; a memória como espaço de construção histórica dos fatos.

Como caminho metodológico, fazemos uso de pesquisa bibliográfica, documental e de campo através de entrevistas semiestruturadas, as quais deram vozes aos sujeitos do cotidiano da escola. Consultamos autores que têm contribuído para acompanhamento das ações do Prouca, como Almeida (2012), Valente (2011), França (2013) Jesus (2014) e Borges (2014). Alberti (2003, 2005), Portelli (1997), Smolka (2000), Thompson (1992) evidenciam a História Oral como importante caminho

para estudos das culturas escolares, na medida em que observa os sujeitos e atores nesse universo.

O artigo tenta concluir com uma reflexão sobre desafios enfrentados pelos professores na adaptação de novas pedagógicas, mudança de ritmo e tempo das atividades de sala de aula, em decorrência da presença dos *laptops* educacionais na mão de cada aluno. A História Oral enfatiza a importância de observarmos as diferentes realidades que constituem o universo da sala de aula, direcionando o pensar para a inserção de *laptops* por si só não contribui na consolidação de práticas permanentes com uso dessas tecnologias, muitos fatores precisam ser envolvidos no processo.

2. PROUCA - Breve recorte histórico

A escola pública brasileira muitas vezes é surpreendida com programas e projetos, que não foram pensados pelos sujeitos que ali trabalham. Um exemplo foi o PROUCA – Programa Um Computador por Aluno em 2007. O Programa é uma iniciativa da Presidência da República, coordenada em conjunto com o Ministério da Educação (MEC), tem por objetivo promover a inclusão digital dos estudantes e de suas famílias, mediante a distribuição de computadores portáteis, conhecidos por *laptops*, em escolas públicas da rede de educação básica (BRASIL, 2012, p. 12).

O projeto foi lançado logo após o Presidente Luiz Inácio da Silva ter participado do Fórum Econômico Mundial em Davos, Suíça, em 2005, que no ano seguinte iniciou em cinco escolas brasileiras, uma delas no Estado do Tocantins.

A inserção dessas tecnologias no Brasil se deu por inspiração internacional como incremento futuro de competitividade econômica regional, à melhoria dos resultados acadêmicos dos estudantes, uma cópia da iniciativa realizada pelo estado do Texas nos Estados Unidos. (EGLER, 2012, p.12). Houve também influência de pesquisadores como Nicolas Negroponte, Seymour Papert e May Lou Jepsen que vieram ao Brasil para conversar com o então presidente Lula para detalhar a proposta da implantação do Projeto.

Nicolas Negroponte¹, um dos visionários dessas tecnologias na escola, visualizou a importância de cada aluno conectado pudesse desenvolver melhor suas potencialidades educativas. No caso brasileiro, o projeto aconteceu em escala piloto² de teste e avaliação³. Era preciso filtrar experiências relevantes e fazer uma avaliação de limites e potencialidades desses recursos na escola pública, e isso insere o Prouca como objeto de análise por parte da comunidade pesquisadora.

A partir da experiência inicial em cinco escolas, o passo seguinte constituiu um salto quantitativo. Nessa segunda fase, foram dez escolas públicas em cada estado da federação:

Em 2010, o Programa um Computador por aluno – PROUCA – iniciou sua fase II, denominada Piloto com a participação de 300 escolas públicas, sendo 10 escolas em cada estado da federação e quatro nos municípios nos quais todas as escolas receberam *laptops* com características especiais de *hardware* e *software* para uso em educação. (BORGES, FRANÇA, 2012, p. 4).

O Ministério da Educação (MEC), e, principalmente o poder executivo da época, considerava que inserir *laptops* educacionais em escolas públicas justificava-se, indiscutivelmente, por permitir que o professor potencialize a construção de práticas de inclusão superando a rigidez e a escassez que caracteriza o modelo de inserção do computador nas instituições educacionais.

Ao romper com o “mapa escolar” que projeta o Laboratório de Informática como “o lugar da tecnologia” na escola, faz-se um verdadeiro “espraiar da tecnologia”, colocando o computador nas mãos de um dos atores do cenário escolar, o aluno, transformando, em paralelo, a sala de aula em um efetivo e promissor tempo e espaço de inclusão digital, escolar e social. (BRASIL, 2014, p.211).

O Prouca, a partir de 2010, passa a integrar planos, programas e projetos educacionais de tecnologia educacional e inclusão digital, vinculando-se às ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, do Programa Nacional de Tecnologia

¹ Durante o Fórum de Davos, em 2005, o pesquisador americano Nicholas Negroponte desafiou os países do mundo a se engajarem num esforço global de universalização do acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICs), a partir da meta de garantir a todas as crianças o direito ao seu próprio computador, tomando como lema a ideia de um laptop para cada criança (One Laptop per Child – OLPC). Na ocasião o governo brasileiro aderiu a proposta de Negroponte e deu início ao experimento no Brasil logo em 2006.

² O Projeto piloto denominado Projeto um computador por aluno (UCA) se torna Programa um computador por aluno (PROUCA), pela Lei nº 12.249, de 14 de junho de 2010, pelo marco legal *oslaptops* devem ser adquiridos com baixo custo como estímulo à inclusão digital de discentes, docentes e gestores (MENESES 2011).

³ Disponível em: <<http://www.nce.ufri.br/ginape/livro-prouca/LivroPROUCA.pdf>>. Acesso em 02/11/2015

Educacional – ProInfo, cabendo aos Estados e Municípios adesão e continuidade do Programa.

3. O Prouca – Tocantins

Praticamente, o Prouca no Tocantins passou por três fases. A primeira, com a participação do Colégio Dom Alano Marie Du Noday (Pré-piloto UCA em 2007), em Palmas, que desenvolveu várias ações educativas com uso das tecnologias digitais contribuindo de forma efetiva para expansão do projeto. A segunda, em 10 escolas, com formação continuada para 212 cursistas, entre professores e gestores. Nesta fase, as escolas participantes estavam localizadas nas cidades de Araguaína, Dianópolis, Guaraí, Gurupi, Paraíso do Tocantins e Palmas (ARAUJO, 2012). A terceira fase, no ano de 2012, o Governo do Tocantins avança com a proposta adquirindo *laptops* educacionais para escolas das redes estaduais e municipais. Conforme explicita a Minuta Circular Seduc de 15 de agosto de 2012:

O governo do Estado, por meio da secretaria da Educação, adquiriu 76.246 *laptops* para o atendimento aos alunos do estado, sendo 56.844 para atendimento da rede estadual de ensino. Tendo em vista um maior aproveitamento dos aplicativos disponíveis no equipamento, estes, serão distribuídos para todos os alunos do ensino fundamental das escolas que possuem energia. (MINUTA/MEM./CIR/SEDUC/CTAE/Nº018/2012).

Através do “Programa Tocantins Conectado”, em 2012 o governo distribuiu *laptops* da marca Positivo para os 139 municípios. Apesar de estarmos falando de Prouca no Tocantins, neste texto, priorizamos sintetizar as ações do Prouca realizadas nas escolas municipais, em detrimento do trabalho realizado na rede estadual de ensino, vale ressaltar que as duas redes apresentaram formas diferentes de lidar com o Programa nesta fase.

A União dos Dirigentes Municipais de Educação do Tocantins (UNDIME-TO), encontrou na Universidade Federal do Tocantins (UFT) uma parceira para realização de um projeto de formação dos professores. Assim, as escolas foram nucleadas por grupos regionais, das quais fizemos parte como formadora em um dos grupos.

Os professores das escolas da rede municipal receberam a formação proposta pela UFT, enquanto que os professores da rede estadual a formação foi proporcionada pela Secretaria da Educação por meio dos treze Núcleos de Tecnologias Educacionais (NTE), posicionados nas diretorias Regionais de Educação.

No desenvolvimento das ações em escolas municipais, equipes responsáveis utilizaram várias estratégias, uma delas foi a criação da coordenação do Prouca na escola, o projeto aluno monitor e a formação em rede das equipes participantes. Essas ações foram articuladas em parceria entre Instituições de Ensino Superior – IES local - Universidade Federal do Tocantins, e IES Glotal – em alguns relatos, as experiências sobre a inserção das tecnologias na sala de aula.

A inserção das tecnologias na escola merecem longos relatos, tanto da implantação, limites e quanto das soluções encontradas e discussões sobre as práticas na sala de aula. Estas foram significativas para a aprendizagem dos alunos, bem como o processo de formação de professores, além dos inúmeros desafios enfrentados pelas escolas participantes.

Sabemos que não basta só inserir as tecnologias nas escolas, no caso do Prouca, o contato com a internet, jogos, aplicativos, oportunizou crianças carentes participarem do processo de inclusão digital e social por meio do acesso às ferramentas presentes nos laptops. Essa ação explicita a possibilidade de alunos e professores desenvolverem atividades didáticas com o computador e representa, para alunos a alegria do contato o mundo digital.

Quanto aos professores, que tiveram que adaptar diversas maneiras para usar os *laptops* com os alunos em sala de aula, é importante ouvi-los, fazer um exercício da memória sobre o momento histórico da implantação do Prouca, para que se possa tirar algumas conclusões sobre algumas potencialidade e limites desse Programa.

4 A importância da memória no relato dos fatos

A palavra memória apresenta diferentes significados. Segundo Smolka (2000) em seu texto “a memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural” são muitos os modos de pensar e de falar sobre memória.

Memória faculdade, função, atividade; memória local, arquivo; memória acúmulo, estocagem, armazenagem; memória ordem, organização, memória técnica, techné, arte; memória duração. [...] memória ritmo, vestígio; memória marca, registro; memória documento, história... Memória como aprendizagem - processo, processamento; memória como narração - linguagem, texto. Memória como instituição... Invenção da memória (SMOLKA, 2000).

Não é nosso foco abordar o sentido lato da palavra memória, mas a utilizarmos para narrar um processo, ações, desafios e expectativas vivenciadas por professores que participaram ativamente da implantação do Programa Um Computador por Aluno. O tempo e o espaço da memória narrada, refere-se ao presente e a um passado bem presente, pois trata-se de um trabalho vivenciado no início da segunda década do século XXI.

Smolka (2000) traça um longo diálogo sobre o trabalho de entender a importância da memória na construção história, trazendo os grandes protagonistas da literatura que defendem ou criticam a função da memória ao longo da história da humanidade.

As entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado (ALBERTI, 2003). No caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos *a posteriori*, portanto o passado existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras.

Nesse sentido, a entrevista instiga a memória, a forma como o entrevistado vai lembrando ou esquecendo os fatos vividos. Concordamos com Smolka (1997) quando diz que os processos da memória estão relacionados aos aspectos históricos, cultural e ideológico.

No exercício de lembrar e soltar as palavras para dizer um determinado acontecimento, a fala pode ser mais espontânea em relação à escrita, que há um tempo maior para a elaboração do pensamento do que vai ser escrito.

Na história oral valoriza-se a fala, a narração conforme Le Goff (1990),

[...] o ato mnemônico fundamental é o "comportamento narrativo" que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é a comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo" [...] aqui intervém a "linguagem, ela própria produto da sociedade"[...] A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas [...] antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob

a forma de armazenamento e informações na nossa memória (LE GOFF, 1990 p. 424-425)

O exercício da memória sobre fatos ocorridos recentemente, narrados por quem vivenciou ou ainda vivencia o Prouca é o nosso foco. Entendemos que a memória ainda está viva e latente. Nesse sentido privilegiamos a narrativa de professores que participaram deste Programa.

5. Caminhos metodológicos

A coleta de dados realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro professoras dos anos iniciais da Escola Municipal professora Adélia Aguiar Barbosa e Escola Municipal Professor Luzia Tavares, ambas em Paraíso do Tocantins.

Para registrar as memórias de professores, optamos pela história oral por compreender a importante contribuição que trouxe para atingir o objetivo proposto. A História Oral é considerada uma metodologia de pesquisa que procura evidenciar a memória e a subjetividade dos atores sociais que vivenciaram um momento histórico. A memória das professoras, encaixa-se na pesquisa temática, pois a apropriação dos acontecimentos por meio deste método possibilita o enquadramento da história no processo histórico.

Verena cita Portelli (1997), para dizer que a História Oral está atrelada a processos culturais, sociais e históricos, que são problematizados por meio do diálogo com as experiências dos sujeitos, narrativas impregnadas de significações apropriadas ao longo da vida. Dessa forma, as narrativas produzidas são representações de sujeitos ou grupos, contendo lembranças e esquecimentos de um tempo passado, que são ressignificados no momento da entrevista. Como resultado, são produzidas as fontes orais, ou seja, narrativas que, formuladas intencionalmente, passam a ser analisadas, criticadas, interrogadas, contextualizadas. (ALBERTI, 2005).

A história oral a partir dadécada de 1970 realiza um trabalho que suprime a ação intuitiva e cede lugar à sistematização, possibilitando a instrumentalização de suas técnicas para além de sua prática política imediata. Surgem modelos para a captação, documentação e tratamento de entrevistas, adentradas com reflexões teóricas

provenientes principalmente da Europa. (SANTHIAGO, 2008). A história oral neste trabalho justifica-se por ouvir pessoas envolvidas diretamente no processo.

6. Fragmentosna voz das professoras

Os fragmentos da oralidade das professoras depoentestransmitem informações importantes para o objetivo de estudo em questão.

O questionamento inicial foi sobre expectativas, dificuldades e desafios enfrentados na implantação do Prouca. A professora Célia Maria (2015), falou:

Quando chegaram os *laptops* eu já estava trabalhando na escola. No início ficamos preocupados, como iríamos trabalhar com as crianças, foi um desafio muito grande, porem muito legal, pois as crianças estão um passo na nossa frente, elas têm muita facilidade em trabalhar com tecnologias. Superou minhas expectativas em relação aos alunos.(MARIA, 2015)

Para a professora o desafio foi superado, à medida que as crianças não tiveram dificuldades com o computador. A professora sentiu-se motivada a partir da empolgação e desenvoltura das criançasno manuseio do equipamento.

Na versão da professora Leidiane Lopes (2015) o desafio do primeiro contato com o laptop foi motivado pela novidade. Para ela, professora e alunos ficaram eufóricos, por ser uma proposta nova e que ambos não sabiam ao certo como proceder, disse:

O desafio foi o espirito de grande novidade, tanto para os professores quanto para os alunos que não tinham o acesso todos os dias a computadores, nossa preocupação era sobre como seria o primeiro contato dos alunos? E para os professores, como seria o nosso trabalho? (LOPES, 2015)

Nas palavras da docente, a preocupação maior foi com o trabalho pedagógico de sala de aula. Para ela, desenvolver aulas com as ferramentas do *laptop* só o acesso não é suficiente, precisa de outros elementos, como a própria formação do professor.

Buscando na literatura uma comparação com o que preocupa Leidiane encontramos em Maria Tereza Freitas (2012) diz que,

Acesso e uso instrumental fazem-se importantes, mas não atingem o que se espera, de fato, dos professores.Tenho observado, por meio de nossas

pesquisas, que escolas equipadas com computadores e acesso à internet e professores egressos de cursos básicos de informática educativa não têm sido suficientes para que se integrem recursos digitais e as práticas pedagógicas. Se o desejável é que os professores integrem computador-internet à prática profissional, transformando-a para melhor inseri-la no contexto de nossa sociedade marcada pelo digital, é preciso ir muito além. (FREITAS, 2012)⁴

A inserção de *laptops*, mesmo na perspectiva um por aluno não é suficiente para o desenvolvimento de práticas significativas no currículo, saber manusear computador não basta, constitui-se apenas o início de um processo bem mais amplo. Essas tecnologias serão utilizadas no interior da escola de maneira mais efetiva a partir do momento em que houver uma apropriação destas por parte dos que ali trabalham.

Uma apropriação que *a priori*, resultaria em processos mais efetivos de gestão, de ensino e de aprendizagem, capazes de fazer do espaço da escola uma lugar mais prazeroso para a aquisição de conhecimento (BORGES, 2012).

A professora Lopes (2015) fala sobre a alegria dos alunos ao utilizar as ferramentas tecnológicas na sala de aula, configurando em otimismo e empolgação no primeiro contato com os *laptops*.

Nas primeiras aulas, a reação dos alunos foi maravilhosa, para eles era muito distante essa realidade. Não tinham computador em casa foi como se desse um doce para eles. Foi grande a satisfação dos meus alunos misturado um zelo pelo computador. (LOPES, 2015).

Para a terceira professora entrevistada, a preocupação foi maior por não saber como agir com as crianças pequenas no manuseio dos *laptops* em sala de aula.

No início eu tive um pouco de dificuldade, pois não sabia a certo como agir com os alunos pequenos, mas com o tempo fui vendo que as crianças pequenas não apresentavam dificuldades em manusear o *laptop*. No início fui trabalhar as letrinhas com eles as vogas a partir do teclado do *laptop*, percebi o interesse deles e a memorização das letras (BRITO, 2015).

⁴Artigo letramento digital e formação de professores de Maria Tereza Freitas, Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); Professor associado II da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

A preocupação da docente foi diminuindo a partir do momento que percebeu que as crianças não apresentaram muitas dificuldades com o computador. Pelo contrário, ela disse que “eles ficavam empolgados e alegres”.

Na narrativa de Lopes, pode-se perceber alguns desafios no primeiro momento do uso dos *laptops* na sala de aula.

O primeiro impacto do uso do *laptop* na sala de aula, não foi fácil, porque eles estavam com uma novidade nas mãos como professora tive que me desdobrar, porque todos queriam utilizar o *laptop* ao mesmo tempo, mas não sabiam como. Tive que me virar para dar aulas com *laptops*. No primeiro contato, os alunos não sabiam ligar, nem entrar nos programas, foi o primeiro desafio de ensinar a eles. No primeiro momento foi realizada uma espécie de inclusão digital. Depois que eles já sabiam entrar, tiveram mais interesse, e os que sabiam mais ajudaram os outros que não sabiam ainda (LOPES, 2015).

Para a professora acima, no primeiro momento, a adaptação ao novo foi um desafio, à mudança na rotina da sala de aula, cada aluno com computador em mãos, a configuração da aula tomou outra forma. O desafio para a professora não foi o mesmo para os alunos, eles ao contrário, logo se acostumaram com a novidade e já podiam ajudar uns aos outros nas atividades.

Outros aspectos relatados foram quanto ao funcionamento operacional dos *laptops*, como travamento, desligamento por falta de carga das baterias e as dificuldades quanto a estrutura da sala de aula que não tinham tomadas suficientes.

Mesmo tendo trinta alunos na sala de aula, não tive muitas dificuldades com uso do *laptop*, só quando travam no meio da aula. Uma vez fui trabalhar uma atividade que era um “ditado de imagem” e uma aluna perdeu todos as sequencias do desenho que havia feito. O *laptop* travou, ela teve que recomeçar. Esses probleminhas sempre acontecem nas aulas, travar, desligar... A sala de aula só tem duas tomadas. Ainda não me atentei para a quantidade de horas que o *laptop* fica carregado, mas acho que uma hora e meia (ASSIS, 2015).

A docente acima deixa claro algumas dificuldades operacionais com o equipamento, travamento, carga das baterias e estruturais das salas de aulas em relação às instalações elétricas. Observa-se que o computador em si na sala de aula é um instrumento importante, mas inadequações na infraestrutura podem comprometer o resultado das atividades.

Nas pesquisas de Almeida, Borges França e Jesus (2012), sobre alguns resultados do Prouca, apresentam os termos “limites e soluções” como dificuldades, entraves que surgem no decorrer do processo de desenvolvimento de um conteúdo ou atividade, e estes não são vistos como um fim em si mesmo, mas como um ponto de partida. Na sala de aula, os professores estão sempre enfrentando desafios, cada aluno com *laptop*, baterias que descarregam, salas lotadas, esses desafios se ampliam. Há necessidade de um conjunto de ações para que os limites sejam analisados na perspectiva das soluções.

Quando falamos da importância da formação continuada, a professora Celia disse que não se sentiu à vontade para utilizar o *laptop* em sala de aula antes de iniciar a formação⁵ Nas palavras da professora.

Utilizamos os laptops na sala só após iniciar a formação continuada, na qual tínhamos encontros presenciais, onde eram repassadas algumas atividades para trabalhar em sala de aula. Foi bom, pois na escola tem professores com dificuldade no manuseio do computador, e pagam pra outros fazerem o diário, porque hoje ele é eletrônico (ASSIS 2015).

A formação continuada para uso dos *laptops*, de acordo com a professora acimatroux maior autonomia para usar as ferramentas computacionais nas aulas além de inclui-la no mundo digital.

Diante do exposto percebe-se que o contato inicial dos professores com o computador desencadeou desafios para a sala de aula, mudando a rotina pedagógica dos professores. A superação dos desafios foi acontecendo a partir da familiarização com a nova ferramenta.

A presença dessas tecnologias na escola pública tem provocado reflexões sobre a necessidade de uma nova organização do trabalho pedagógico. O desafio é de como organizar atividades pedagógicas em sala de aula com essas essas tecnologias. (BORGES, FRANÇA, 2012).

As professoras foram questionadas sobre a continuidade do programa após período de formação continuada, quando havia uma equipe de formação acompanhando e incentivando os professores no desenvolvimento de atividades com os laptops. De

⁵A formação continuada para uso das tecnologias da comunicação e informação do Prouca, foi ofertada pelas instituições parceiras, Universidade Federal do Tocantins, UFT e Pontifícia Universidade de São Paulo, PUC SP, Secretaria da Educação do Estado do Tocantins - SEDUC/TO, União dos Dirigentes Municipais - Undime e Ministério da Educação - MEC. Por uma equipe de profissionais bolsistas, tutores, formadores e coordenadores que juntos formaram uma rede formação nas escolas participantes do Prouca.

acordo com a professora Lopes (2015) “A oportunidade de utilizar essa tecnologia na sala de aula foi ficando um pouco mais difícil”, Para essa professora o sonho de utilizar o computador de forma efetiva foi se esvaindo com o tempo.

Aspirava-se obter o conhecimento tecnológico necessário para usar essas tecnologias de forma efetiva nas aulas, mas com o tempo, os *laptops* foram apresentando problemas técnicos, impossibilitando o uso com a mesma frequência e ânimo de antes.

Depois da formação estamos usando os laptops na sala de aula, mais não é com a mesma frequência de antes, por conta da degradação do aparelho em si, a bateria descarrega, outros já não ligam mais. Em sala não dá para utilizar um por aluno, às vezes a bateria não aguenta e descarrega, aí temos que trocar, e isso dá trabalho. (LOPES, 2015).

A professora acrescenta,

Uma de minhas últimas experiências esse ano usando os laptops foi com o tema multiplicação. Foi interessante, porque por mais que a gente peça pra eles estudarem em casa, têm uns alunos que não atendem, e com o jogo eles se interessaram para acertarem mais pontos. No jogo da multiplicação eles tinham que acertar o alvo. Aqueles que demoravam mais era porque não sabiam e levavam mais tempo para responder. Sentimos que o jogo fez efeito na aprendizagem da multiplicação. Quando falávamos que iríamos trabalhar o jogo novamente eles estudavam em casa para acertarem o alvo com maior rapidez. (LOPES, 2015).

A motivação neste caso foi a ludicidade proporcionada pelo jogo. Uma característica da criança é a propensão para o lúdico e neste caso, o exercício da aprendizagem de fatos matemáticos se tornou mais prazeroso. A forma como a professora fala da atividade realizada remete-nos a refletir sobre a importância do computador pela visão dos alunos.

Lembra o que disse Lévy (1999) que nesse contexto o professor é incentivador a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos (LEVY, 1999, p. 158). Entende-se que a dinâmica da aula deve mudar e muito quando todos em si têm um computador em mãos. A tarefa maior será sempre a do professor, pois terá que ter estratégias de organização do trabalho pedagógico que favoreça o desenvolvimento das potencialidades cognitivas dos alunos.

Na continuidade das entrevistas, diz a entrevistada Assis, que mesmo não participando ativamente da formação continuada na escola, o uso das ferramentas dos laptops em sala não é tão difícil. “Difícil não é não. Se a gente estiver usando constantemente os computadores, mesmo porque os alunos ajudam muito” (ASSIS, 2015).

A professora coloca os alunos como protagonistas, mas alerta para o fato de que eles precisam ser direcionados, “os alunos têm maior facilidade em acessar, entram até onde é “proibido”, cita um exemplo: é proibido acessar site que não seja direcionado pelos monitores, mas de vez em quando os alunos acessam”. Uma dos desafios apontados pela professora, diz respeito à gestão da aula quanto envolver os alunos apenas naquilo que o professor está propondo, “eles querem mais, querem acessar outras ondas”.

Sabe-se que as crianças de hoje vivem um cenário social em transição onde as tecnologias fazem parte de seu dia-a-dia. Mesmo que não tenham computadores em casa, sentem fascinados pelas ferramentas digitais interativas. Cabe destacar que elas não se contentam muito com uma sala de aula onde o quadro, giz ou o pincel sejam os elementos constitutivos da prática pedagógica do professor.

Nessa versão, o Prouca chega à escola com o intuito de modificar o cenário, com computador e conectividade em sala de aula, as possibilidades de realizar atividades com os recursos digitais se ampliam, os resultados dessas práticas dependerão da intencionalidade pedagógica, de estratégia e gestão de aula e dos encaminhamentos para a produção de conhecimento pelos alunos. Isso o professor tem que aprender.

7. Potencialidades e Limites

Do jeito que o *laptop* do Prouca entrou nas escolas provocou “agonia e êxtase”, para professores e alunos. Para os professores o desafio da adequação de atividades de sala de aula, e para os alunos a expectativa de ter um computador em mãos e poder levar para casa.

De acordo com BORGES (2012, p.4) o *laptop* educacional permite portabilidade, intemporalidade, acessibilidade, conectividade, imersão e mobilidade. Entendemos que a

partir desses conceitos o Prouca se traduz em potencialidades para o desenvolvimento de práticas significativas.

O uso dessas tecnologias na escola vem sendo apontado como forma de oportunizar o acesso ao conhecimento e a informações próprias da era da cibercultura. Para Marco Silva (2005, p. 63), “o uso da internet na escola é exigência da cibercultura, isto é, do novo ambiente comunicacional-cultural que surge com a intercomunicação mundial de computadores em forte expansão no século XXI”. Entendemos que neste cenário a escola não deve ficar de fora.

Silva (2005) acrescenta que “se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura” (SILVA, 2005. p. 63).

Nesse sentido o Prouca faz parte do contexto da cibercultura, pelas novas demandas que a sociedade atual está a exigir das novas gerações.

Hoje, diante das novas demandas impostas pelas tecnologias, de forma especial pelos computadores individuais, portáteis, conectados, presentes nas salas de aula, muitos desafios são colocados para o professor, como: fazer da sala de aula um espaço contemporâneo da sociedade do conhecimento... e que seja capaz de fazer dos laptops ferramentas para potencializar os processos de ensino e de aprendizagens (BORGES; FRANÇA, 2011, p.18).

Mas para que esse pensamento otimista se concretize, os desafios precisam ser superados. Os limites da inserção das tecnológicas nas escolas devem ser revisitados como ponto inicial para novas propostas e novos investimentos. Paulinho da Viola nos ajuda a entender esse momento,

A toda hora rola uma historia que é preciso estar atento, a toda hora rola um movimento que muda o rumo dos ventos... Quem sabe remar não estranha, vem chegando a luz de um novo dia, o jeito é criar um novo samba, sem rasgar a velha fantasia (VIOLA, 1993).

Trata-se de reunir as experiências acumuladas de pesquisadores, docentes, gestores, professores, estudantes e fazer análises, difundir possibilidades no ensino e na aprendizagem e ao mesmo tempo discutir os limites do uso dessas tecnologias na sala de aula para uma educação mais democrática quanto ao acesso das tecnologias digitais

da informação e comunicação em prol de um ensino que acompanhe as necessidades de seu tempo.

Considerações finais

Propomos compreender algumas potencialidades e limites da inserção dos *laptops* educacionais do Programa um Computador por Aluno – PROUCA, na escola pública, a partir das narrativas de professores que vivenciaram a implantação do Programa. A literatura consultada se deu a partir do método da história oral, com ênfase para o relato de entrevistas, considerando voz das professoras como aspecto fundamental para a compreensão do objeto de estudo.

Buscou-se se compreender alguns traços do Prouca através da fala das professoras entrevistadas, considerando que a história oral não é homogênea, na medida em que lidamos com situações novas, exigindo reflexão apurada a cerca do que está sendo narrado. O exercício da memória das professoras foi um espaço de descobertas sobre a alegria dos alunos e o desafio que as professoras tiveram que enfrentar no uso dos *laptops* na sala de aula.

Diante do exposto, percebemos que o *laptop* do Prouca na mão do aluno na sala de aula, desafia o docente a procurar novas estratégias pedagógicas, mudar o ritmo, o tempo das atividades e talvez a gestão da sala de aula. Desafia também as autoridades promotoras deste programa a darem as condições necessárias para que ele funcione com bons resultados, além de promoverem uma formação continuada, para além do uso instrumental do computador.

Convém pensar que não basta ter *laptops* nas escolas sem um conjunto de ações contínuas que se desdobrem em resultados positivos na aprendizagem dos alunos. Os desdobramentos da discussão caminham para a necessidade de análises de todo o processo.

Referências

ALBERTI, Verena. ANPUH – **Narrativas na história oral**. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

_____. **Fontes orais: histórias dentro da história.** In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, M. B. e PRADO, M. E.B. **Computadores portáteis: indicadores de mudança. Na prática e no currículo.** Artigo apresentado e publicado na VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação E Comunicação na educação – Challenges 2009 realizado na Universidade do Minho, Portugal.

_____. VALENTE, José Armando. **Tecnologias e Currículo:** trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.

_____. ALVES, Robson Medeiros; LEMOS, **O uso de tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

ARAUJO, D. M. **ProjetoProuca: da implantação à prática pedagógica na Escola Municipal Professora Luzia Tavares – TO.** In: Anais do III webcurrículo, Educação e Mobilidade. São Paulo: 2012. 1 CD-ROM.

ASSIS, Maria. Entrevista concedida a D. M.A. Paraiso (TO), 17 mar, 2016.

BORGES, M. A. F.; FRANÇA, G. **O uso do laptop educacional na sala de aula: uma nova forma de organização do trabalho pedagógico.** InterSciencePlace. n. 19, v. 1, Outubro/Dezembro 2011. Disponível em:
<http://www.sinprodf.org.br/wpcontent/uploads/2012/01/o-uso-do-laptop-na-sala-de-aula.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. SEED. Secretaria de Educação a Distância. **Projeto Um computador por aluno (UCA) Fase II: Implantação e desenvolvimento dos projetos-piloto em escolas públicas para o uso pedagógico do laptop educacional conectado.** Brasília SEED/MEC- execução UFC – Universidade Federal do Ceará.

_____. **Projeto um computador por aluno: pesquisas e perspectivas / Fábio Ferrentini Sampaio; Marcos da Fonseca Elia (organizadores).** – Rio de Janeiro: NCE/UFRJ, 2012.

_____. **Cartilha do Projeto UCA.** Brasília/Escola Superior RNP, 2010.

_____. **Tecnologia na escola,** IN: Integração das tecnologias na educação. Programa Salto para o futuro. Brasília SEED, 2005.

BRITO, Katicilene. Entrevista concedida a D. M.A. Paraiso (TO), 15 dez, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 7ª ed. Campinas São Paulo: Papyrus, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas São Paulo: 1990

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** Editora 134. São Paulo, 1999.

LOPES, Leidiane. Entrevista concedida a D. M.A. Paraiso (TO), 24 nov, 2015.

MARIA, Célia. Entrevista concedida a D. M.A. Paraíso (TO), 26 mai, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** A educação presencial e a distancia em sintonia com a era digital e com a cidadania. *Revista INTERCOM*. Campo Grande, setembro 2001.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural.** *Revista Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71, p.166-193, Julho/2000

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIOLA, Paulinho. **A toda hora rola uma história.** São Paulo: Atalntic/WEA, 1982. LP. faixa 1.

Recebido em 20/2/2017. Aceito em 20/6/2017

Sobre os autores e contato:

Deusirene Magalhães de Araújo- Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Tocantins. Pedagoga. Especialista em Tecnologia em Educação pela PUC/RIO. Professora da Educação Básica, atualmente atua como formadora do Núcleo de Tecnologia Educacional da Regional de Ensino de Paraíso do Tocantins.

Jocyléia Santana dos Santos - Doutora em História pela UFPE. Pesquisadora e Coordenadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT). *E-mail:* jocyleiasantana@gmail.com